HISTÓRIA URBANA DE SÃO LUÍS E HIPÓTESES DE IMPACTOS DA INDÚSTRIA DO CINEMA NO ESPAÇO URBANO

Iasmyn de Cassia Ferreira Rodrigues[1]

Rose France de Farias Panet[2]

INTRODUÇÃO

A historiografia acerca da presença europeia no Maranhão ainda enfrenta diferentes impasses. Os franceses, que ocuparam a ilha por um curto período a partir de 1612 e foram os primeiros a estabelecer contato com os indígenas nativos através da exploração realizada por Daniel de la Touche, na expedição que visava explorar o norte da colônia, permaneceram na inconsistência do discurso histórico, que nomeou os portugueses, que chegaram depois, como os grandes e verdadeiros "descobridores" da ilha. A historiadora Maria de Lourdes Lauande Lacroix, em sua obra *"A Fundação Francesa de São Luís e Seus Mitos"*, discorre sobre a historiografia tradicional do século XIX , alegando a ausência de estudos que trabalhem a ideia da presença francesa em São Luís. A historiadora diz:

> Ao acompanhar a ação de La Ravardière e seus comandados, minuciosamente descrita por Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux, verificamos a ausência de iniciativas para a formação de uma cidade local de chegada dos súditos dos Bourbon. [...] Inquieta com essa verificação, recorremos aos nossos mais antigos historiadores, de Berredo a João Lisboa, e não achamos nenhuma alusão à fundação de uma cidade pelos franceses (Lacroix, 2008, p. 25-26).

Apesar das tentativas de exclusão dos franceses, é impossível ignorar sua presença na cidade no início do século XVII, o estabelecimento da França Equinocial e a construção do *Fort Saint Louis*, feito que obrigou os colonos portugueses a se destinarem à região desconhecida para expulsa-los. Com a Batalha de Guaxenduba, em 1615, isso foi possível, e após a expulsão dos franceses e da permanência portuguesa em São Luís, os lusitanos precisavam, com base nesses acontecimentos, se fortalecer contra possíveis confrontos futuros. Com isso, o trabalho do engenheiro-mor do Brasil, Francisco Frias de Mesquita, tornou-se indispensável (Iphan, 1945).

Francisco Frias de Mesquita contribuiu para o processo de desenvolvimento urbano de São Luís em 1615 quando, em apoio a Jerônimo de Albuquerque, encarregou-se de delinear um forte (Iphan, 1945). Com o trabalho do engenheiro, surgiu o Forte de Santa Maria, ou de Guaxenduba, localizado no município de Icatu, próximo à foz do rio Munim, à margem direita da Baía de São José.

O trabalho de Mesquita se destacou pelo traçado da região central de São Luís em 1616, reproduzido e publicado em 1647 pelo holandês Caspar Barlaeus (Silva Filho, 2015, p. 267), que serviu como um guia para a expansão e desenvolvimento urbano da cidade. A partir disso, o Maranhão tornou-se palco de importantes embates econômicos, sociais e culturais, podendo, assim, desenvolver-se significativamente.

Séculos depois, a cidade de São Luís se deparou com os avanços da modernidade e com a industrialização, que afetaram não somente os meios econômicos e políticos, mas também o setor cultural do estado. Em 1898, um acontecimento despertou a curiosidade dos populares

1 Discente em Licenciatura em História, Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: iasmyn.20220063794@aluno.uema.br

2 Doutora em Antropologia e Políticas Públicas, Docente do Departamento Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: rosepanet@gmail.com

e da elite maranhense, que até então desconheciam tal novidade: a chegada dos aparelhos cinematográficos, que motivaram o surgimento do cinema ambulante local. A novidade foi testemunhada pelos meios de comunicação mais populares da época, os jornais impressos, em especial o jornal *Pacotilha* que, com suas tiragens diárias, anunciava desde a chegada de diferentes aparelhos até o surgimento dos cinemas de rua e a exibição das "vistas", como eram chamadas as imagens animadas (Matos, 2010), informando o valor das entradas e o público- alvo.

Na primeira década do século XX, São Luís foi beneficiada com a chegada de projecionistas ambulantes, que exibiam produções em vídeo em aparelhos como o Cinematógrafo Falante de Edouard Hervet; o Bioscópio Inglês de José Felippe; o Cinematógrafo Alemão de Bernard Bluhm, entre outros, totalizando treze empresários (Matos, 2010, p. 35). Desde então, um grande ciclo de projeções ganhou espaço na cidade e no cotidiano da população, tendo o seu fim em meados de 1909, quando o cinema ambulante foi, aos poucos, substituído pelos cinemas fixos de rua, dando início a um novo cenário, com uma diferente logística.

> A partir de então, os cinemas passam a fazer parte do cotidiano da cidade, com exibições diárias, matinês para crianças, salas suntuosas, uma publicidade agressiva que envolvia presentinhos e sorteios para o público, filmes identificados pelo gênero, filmes coloridos, preços acessíveis a quase todos e até filmagens próprias de 'assuntos maranhenses'. É um novo momento, uma nova fase para a cinematografia. (Matos, 2010, p. 38)

Posteriormente, com os avanços tecnológicos e a diversificação dos meios de comunicação, o acesso ao cinema tornou-se cada vez mais fácil, possibilitando a exibição de filmes e novelas em canais abertos de televisão ou através de fitas VHS. Consequentemente, esse fenômeno levou, aos poucos, ao esvaziamento e, em muitos casos, ao fechamento dos cinemas de rua, sendo estes prédios substituídos por lojas de roupas, centros administrativos ou levados ao abandono. Apesar da considerável crise no setor cinematográfico, a paixão pela sétima arte possibilitou o surgimento de iniciativas voltadas à preservação do audiovisual no Maranhão. Nesse contexto, o Festival Super 8, criado em 1977 e hoje conhecido como Festival Guarnicê de Cinema, foi essencial para garantir a permanência do cinema na cidade, dando ênfase à produção local. Essas entre outras iniciativas, como o de "cineclubismo", refletem a necessidade de consolidar políticas culturais permanentes, capazes de fortalecer a memória audiovisual maranhense.

Nesse contexto, torna-se possível compreender como o desenvolvimento urbano de São Luís colaborou para o surgimento desses espaços de convivência e como a sétima arte buscou resistir, ultrapassando barreiras e se adequando aos feitos trazidos pela modernidade.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolveu-se a partir do método qualitativo de estudo e utilizou livros, artigos e monografias de pesquisadores sobre a historiografia de São Luís, seu surgimento e desenvolvimento urbano, assim como estudos coletados em revistas do IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) sobre o engenheiro português Francisco Frias de Mesquita. Para fortalecer a argumentação, foi necessário a utilização de fotografias antigas da cidade de São Luís, retiradas do acervo do site oficial do IPHAN, e de cartografias obtidas no site oficial do Centro Cultural Vale do Maranhão, com o objetivo de comprovar a permanência do modelo urbano desenvolvido por Mesquita e ilustrar as mudanças trazidas pela modernidade no início do século XX.

A pesquisa avançou consideravelmente por meio do estudo da história do cinema no Maranhão e da presença da temática em edições de jornais locais como o *Pacotilha*, cujas publicações, retiradas da Hemeroteca Nacional, testemunharam, através de anúncios, a chegada de aparelhos cinematográficos na cidade e de novos cinemas "públicos" na capital ludovicense.

A coleta de dados enfatizou a interpretação das notícias e os possíveis impactos da sétima arte no meio social e urbano.

A etapa final do trabalho foi realizada através da participação da autora na 48 edição do Festival Guarnicê de Cinema, ocorrida em 2025, e de sua atuação no setor de produção do festival, a fim de compreender o processo histórico de criação do movimento em 1977, acompanhar de perto e registrar todos os processos ocorridos, além de coletar informações que tornaram-se necessárias para a conclusão da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Francisco Frias de Mesquita e as representações cartográficas e visuais de São Luís no período colonial

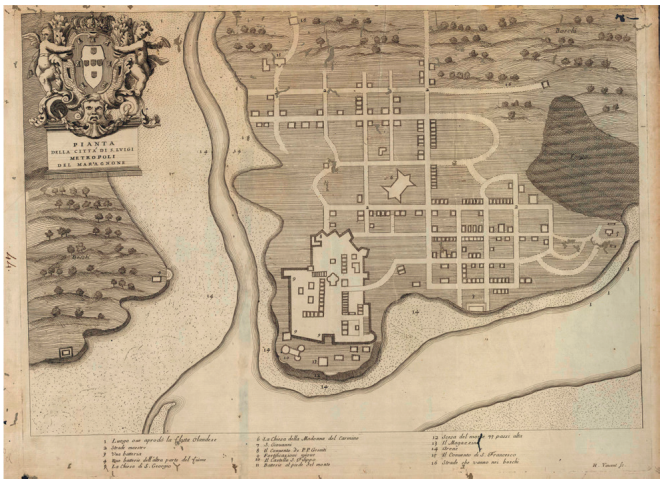
A historiografia destina pouca atenção aos grandes feitos do engenheiro-mor do Brasil, Francisco Frias de Mesquita, responsável por importantes construções de cunho religioso e civil ao longo do século XVII. Ao se referirem a Mesquita, as pesquisas buscam salientar o seu trabalho, porém, quase nada se sabe sobre sua vida pessoal.

O militar português foi enviado ao Brasil por Portugal em um momento em que a Colônia sofria grandes conflitos e investidas de estrangeiros sobre as terras fartas. No Maranhão, Francisco Frias veio junto à expedição de Jerônimo de Albuquerque, em 1614, e se voluntariou para participar da Batalha de Guaxenduba, responsável pela expulsão dos franceses da ilha de Upaon-Açu no ano seguinte. O reconhecimento do trabalho de Mesquita surgiu um pouco antes, em 24 de janeiro de 1603, quando foi nomeado por Portugal para servir nas fortificações em regiões do Brasil, e perdurou até 1635 (IPHAN, 1945).

Em confronto com os portugueses, os franceses precisaram abandonar os planos de exploração, dando espaço a mais uma investida portuguesa na colônia. Em 1615, após uma série de conflitos e tentativas de negociação entre Jerônimo de Albuquerque e Daniel de la Touche, os franceses foram expulsos e, a partir de então, o Maranhão passou a ser um projeto de Portugal. Com o objetivo de evitar futuros conflitos, os lusitanos se prepararam militarmente para a sua defesa e construíram, com êxito, o Forte de Guaxenduba, no território conhecido atualmente como Icatu.

Além da construção do Forte, o trabalho de Frias de Mesquita se destacou principalmente pelo traçado da planta da cidade de São Luís, desenho que apresenta as ruas em um padrão quadriculado, reproduzido posteriormente por cartógrafos, confirmando a permanência do traçado de Mesquita ao longo dos séculos. Abaixo, a tradução mais próxima da original elaborada por Mesquita em 1616, desenvolvida pelo holandês Caspar Barlaeus em 1647, pois não há notícias da versão original (Silva Filho, 2015):

Figura 01 - Representação da planta de São Luís - Maranhão no século XVII.



Fonte: Centro Cultural Vale do Maranhão

Abaixo, algumas descrições da planta de Mesquita/Barlaeus, traduzidas e interpretadas pela autora:

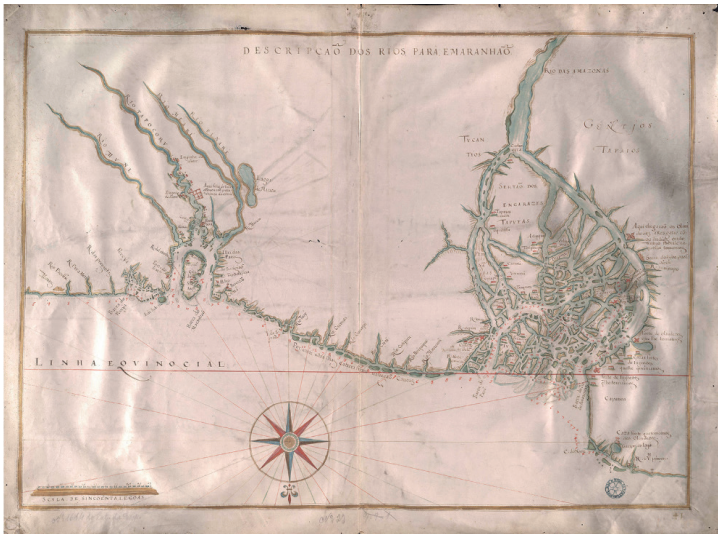
1- Lugar onde aportou a tropa holandesa
2- Ruas principais.
3- Uma bateria (possivelmente instrumento de utilização militar).
4- Baterias do outro lado do rio.
5- A Igreja de São Georgio.
6- A Igreja da Madonna do Carmo.
7- Santo Giovanni (não identificado).
8- O Convento dos Padres Jesuítas.
9- Fortificações novas.
10- O Castelo de São Felipe.
11- Baterias ao pé do monte.
12- Descida do monte (tradução comprometida).
13- O Armazém.
14- Praias ou areais.
15- Ruas que vão para os bosques.

Com essas descrições, que podem ser questionadas ou reinterpretadas, é possível perceber com maior clareza que a região central de São Luís foi elaborada e construída aos poucos. As Igrejas, conventos e fortificações militares indicam os principais polos de urbanização daquele período, unindo aspectos da vida religiosa, social e especialmente de defesa da cidade, reforçando aquele ponto como de grande importância para os portugueses.

Não somente à Frias de Mesquita, mas também ao cartógrafo João Teixeira Albernaz, se atribui o valor do trabalho por ele desenvolvido ao desenhar a planta da cidade, "onde seus mapas podem ser vistos como telas pintadas de modo a figurar como uma das peças do atlas visual da memória da cidade" (Filho, 2015).

João Teixeira, possivelmente natural de Lisboa, herdou de seu pai, Luis Teixeira, a arte e os conhecimentos sobre cartografia. Diferente do seu pai, que elaborou o primeiro levantamento cartográfico particular do litoral brasileiro na década de 70 do século XVI, João Albernaz não teria chegado a frequentar o Brasil. Portanto, supõe-se que seus trabalhos resultaram de cópias ou adaptações de materiais escritos já existentes (Souza, 2015, p. 85). Na figura abaixo, é possível enxergar o grandioso trabalho do cartógrafo:

Figura 02 - Descrição dos rios Pará e Maranhão, por João Teixeira Albernaz.



Fonte: Centro Cultural Vale do Maranhão

Albernaz, Barlaeus e outros se puseram a retratar o território maranhense em épocas distintas, cada um evidenciando características específicas da região. Um ponto comum, não somente nas obras mencionadas, mas de outras do mesmo período, é a ênfase no caráter militar, a menção aos povos originários (chamados de gentios, como pode ser observado acima) e, ainda, a menção, mesmo que breve, aos feitos estratégicos dos holandeses na cidade.

A expansão urbana de São Luís no século XIX

Ao longo dos séculos XIX e XX, São Luís passou a vivenciar um processo de transformação urbana mais visível e latente, marcado pelo longo processo de expansão que será analisado a seguir. É inevitável afirmar que a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, modificou os rumos da colônia. Recebidos no Rio de Janeiro com muita honra e entusiasmo pela população, os monarcas deram início a uma série de reivindicações que acarretaram em um forte período de expansão. Dentre as mudanças na capital da colônia portuguesa, destacam-se as melhorias urbanas. Para melhor acomodar a família real, foram feitas mudanças nas estruturas das casas, no saneamento básico, no abastecimento de água e na segurança pública. Meirelles acrescenta:

> Novas ruas foram pavimentadas e as estradas alargadas. A iluminação, saneamento, abastecimento de água potável e, consequentemente, a higiene também foram aspectos que sofreram importantes melhorias na cidade. Ou seja, entre os anos de 1808 e 1822, a área do Rio de Janeiro havia triplicado (Meirelles, 2015).

Mesmo sendo uma região distante do Rio de Janeiro, o ritmo de expansão maranhense teve, para além das razões políticas e sociais, um objetivo claramente econômico. Naquele ano, devido a política de abertura dos portos determinada pela vinda da família real ao Brasil, as exportações locais colocaram a economia do Maranhão acima da de Pernambuco e, tempos depois, tornou-se uma das quatro maiores do Brasil (Barbosa, 2005).

Portanto, entende-se que as atividades agroexportadoras influenciaram de maneira significante o desenvolvimento econômico de São Luís, em conjunto com o crescimento populacional e a valorização das regiões, ocasionando uma reestruturação socioeconômica e a expansão de bairros como o dos Remédios, Residencial e Praia Grande (Filho, 2001). O arqueólogo Deusdédit Filho colabora novamente com o argumento mencionando que

"verificou- se a urgência do aterramento e urbanização da área alagada que se constituiria mais tarde no bairro da Praia Grande, local tradicionalmente consagrado ao embarque e desembarque de mercadorias".

Na planta abaixo, elaborada por J. Veiga em 1858, observa-se o desenvolvimento e a ampliação dos bairros de São Luís. Nela, através das descrições, é possível identificar a presença de hospitais, igrejas, praças, capelas, fábricas, o Teatro União (atual Teatro Arthur Azevedo), a capela da Madre de Deus, o Convento das Mercês, a Fonte do Ribeirão, o Palácio do Governo, assim como a Rua do Sol, Rua de São Pantaleão, Rua da Paz, Rua do Outeiro, Rua do Passeio, entre outros.

O surgimento desses novos espaços, registrados pelo cartógrafo em meados do século XIX, demonstra um avanço significativo no projeto expansionista. A região traçada por Frias de Mesquita, antes limitada à região central de São Luís, expandiu-se e ganhou novas ruas, refletindo o crescimento populacional e econômico da cidade, que demandou uma reestruturação e a criação de espaços administrativos, culturais e de socialização.

Figura 03 - Planta da cidade de São Luís, por J. Veiga, 1858.



Fonte: Centro Cultural Vale do Maranhão.

Em comparação com a planta desenvolvida por Frias de Mesquita no século XVII, a planta de J. Veiga, no século XIX, apresenta uma visão mais ampla da cidade, incluindo espaços de socialização, tanto as igrejas quanto as praças e o teatro, que, naquele momento, eram locais frequentados especialmente pela elite local. Apesar disso, as ruas também eram compostas pelas populações mais pobres de comerciantes, vendedores ambulantes e prostitutas (Silva, 2012).

O início do cinema em São Luís e o movimento de cinema ambulante

O final do século XIX e o início do século XX, para a capital maranhense, foi sinônimo de inovação e modernização. Assim como em outras regiões do Brasil, São Luís presenciou transformações em seu cotidiano. Dentre as mudanças no meio econômico, político e social, que se despedia do sistema escravista em 1888 e da monarquia com a Proclamação da República, no ano de 1889, a cidade dava luz a um novo momento. Nesse cenário de renovação, uma das mais significativas mudanças, sem dúvidas, ocorreu no meio artístico da capital, com a chegada dos aparelhos cinematográficos, frutos do chamado movimento de cinema ambulante.

> A onda da modernidade, na verdade, se alastrava pelo mundo inteiro e o impulso histórico que a humanidade estava prestes a enfrentar, com o final do século XIX, era incomparável.
> A época, conhecida como Segunda Revolução Industrial, viu a Humanidade se desenvolver tecnologicamente em poucas décadas mais do que havia se desenvolvido em toda a sua milenar até então. Foi o momento em que o ferro se viu substituído pelo aço, e o vapor pela energia elétrica e pelos derivados do petróleo. A maquinaria automática, a química industrial, a aceleração dos transportes, da comunicação e da urbanização deram origem a novas formas de organização social que transformaram o planeta em velocidade e proporções jamais vistas (Sabadin, 2018).

A ideia defendida por muitos pesquisadores é de que o cinema nasceu a partir das experiências dos irmãos Lumière, e que os dois foram essenciais para a existência do cinema ambulante, mesmo que indiretamente. Responsáveis pela popularização das técnicas em Lyon e Paris, na França, Auguste e Louis Lumière logo levaram as suas exibições para outras partes do mundo.

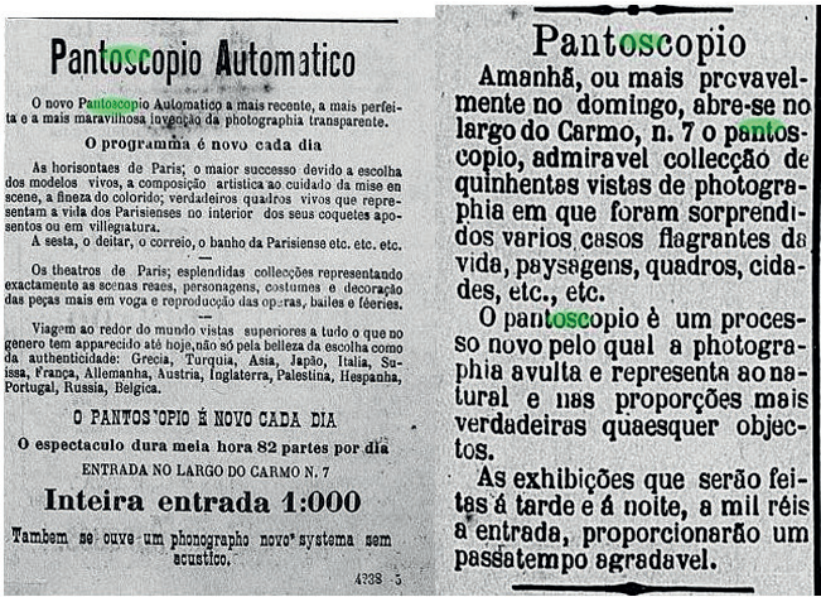
Máximo Barro (1996) relaciona a atuação dos franceses Lumière com a chegada do cinema em São Luís e justifica alegando que o fato dos irmãos não venderem seus cinematógrafos (aparelho que funcionava como projetor, captador e revelador de imagens), e sim proporem o aluguel ou empréstimo, fez com que os aparelhos se espalhassem mais fácil e rapidamente por outros países (Matos, 2009, p. 26, *apud* Barro 1996).

O cinema ambulante, basicamente, é o nome dado às atividades feitas por projecionistas em diferentes cidades, com seus aparelhos cinematográficos (Silva, 2017). Essas exibições vieram em um momento anterior à consolidação dos cinemas de rua de São Luís, que foram mais populares em meados do século XX e estiveram presentes nos bairros da cidade. De acordo com Matos (2010, p. 35), o ciclo do cinema ambulante na capital do Maranhão durou 11 anos, de 1898 a 1909, e recebeu treze empresários responsáveis pelas exibições cinematográficas. Este modo de "fazer cinema" popularizou-se rapidamente, e "pelos registros históricos, julgamos terem sido mais importantes que as salas fixas para a pulverização da nova diversão, pois eram eles que ocupavam circos, feiras, *vaudevilles* , teatros, salões, bordéis, cafés, concertos…" (Matos, 2009, p. 4).

Sobre os aparelhos de exibição trazidos pelos projecionistas, podemos mencionar como exemplo: o Cronofotógrafo de Demeny (1898), com Moura Quineau; o Bioscópio Inglês (1902), com José Felippe; o Cinematógrafo Alemão (1902-1903), com Bernard Bluhn; o Cinematógrafo Hervert primeiro e segundo, que estiveram nos anos de 1904 e 1907, pelo empresário Edouard Hervert; Cinematógrafo parisiense primeiro e segundo (1906-1907), de Rufino Coelho; o Cinematógrafo Falante (1908), da Empresa Maurice & Linga; e, por fim e encerrando o ciclo dos exibicionistas no ano de 1909, o Cinematógrafo Pathé, sem conhecimento do exibicionista.

Entre os aparelhos, o Pantoscópio Automático é considerado por Matos (2010) um aparelho pré cinematográfico, isso porque o aparelho, que funcionava como uma espécie de lanterna mágica, causava uma ilusão de movimento com as imagens, que eram aumentadas e diminuídas. O aparelho chegou na cidade em meados de 1897 e foi divulgado pelo jornal *Pacotilha*, na edição número 284, de 3 de dezembro do mesmo ano. Nos recortes de jornal abaixo, a notícia estampa a página, anunciando a exibição que ocorreu no Largo do Carmo e, em outra coluna, detalha ao público o que seria o referente aparelho, como funcionava e o preço cobrado por pessoa para assistir a sessão: "as exibições, que serão feitas à tarde e à noite, a mil réis a entrada, proporcionarão um divertimento agradável" *(Pacotilha*, 1897).

Figuras 04 e 05 - Recortes do jornal *Pacotilha* sobre o *Pantoscópio*, edição 284, 1897.



Pantoscopio Automatico

O novo Pantoscopio Automatico a mais recente, a mais perfeita e a mais maravilhosa invenção da photographia transparente.

O programma é novo cada dia

As horisontaes de Paris; o maior successo devido a escolha dos modelos vivos, a composição artistica ao cuidado da mise en scene, a fineza do colorido; verdadeiros quadros vivos que representam a vida dos Parisienses no interior dos seus coquetes aposentos ou em villegiatura.

A sesta, o deitar, o correio, o banho da Parisiense etc. etc. etc.

Os theatros de Paris; esplendidas collecções representando exactamente as scenas reaes, personagens, costumes e decoração das peças mais em voga e reproducção das operas, bailes e féeries.

Viagem ao redor do mundo vistas superiores a tudo o que no genero tem apparecido até hoje, não só pela belleza da escolha como da authenticidade: Grecia, Turquia, Asia, Japão, Italia, Suissa, França, Allemanha, Austria, Inglaterra, Palestina, Hespanha, Portugal, Russia, Belgica.

O PANTOSCOPIO É NOVO CADA DIA

O espectaculo dura meia hora 82 partes por dia

ENTRADA NO LARGO DO CARMO N. 7

Inteira entrada 1:000

Tambem se ouve um phonographo novo systema sem acustico.

4238 5

Pantoscopio

Amanhã, ou mais provavelmente no domingo, abre-se no largo do Carmo, n. 7 o pantoscopio, admiravel collecção de quinhentas vistas de photographia em que foram sorprendidos varios casos flagrantes da vida, paysagens, quadros, cidades, etc., etc.

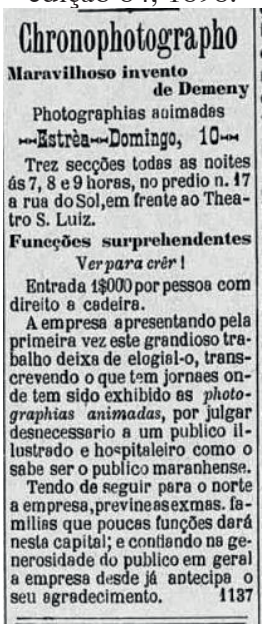
O pantoscopio è um processo novo pelo qual a photographia avulta e representa ao natural e nas proporções mais verdadeiras quaesquer objectos.

As exhibições que serão feitas á tarde e á noite, a mil réis a entrada, proporcionarão um passatempo agradavel.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

O jornal *Pacotilha* cumpre, de maneira triunfal, o papel de anunciar a chegada dos aparelhos na cidade. O jornal surgiu no final do século XIX, oficialmente em 1880, em um cenário importante da imprensa maranhense, e se destaca especialmente por sua organização e quantidade de publicações, contando com seis edições por semana, sendo o primeiro jornal diário do estado (Matos, 2021, p.399). Devido à sua periodicidade e ao seu conteúdo, que continha notícias de cunho político, propagandista e cultural, o *Pacotilha* publicou várias notícias sobre tais exibições e acompanhou o processo de desenvolvimento do cinema na capital, desde o início até o surgimento de suas primeiras salas fixas. Dentre os aparelhos de destaque, se tem registros do *Chronophotographo de Demeny*, trazido pelo fotógrafo Moura Quineau em 1898, como mencionado anteriormente, poucos meses após o Pantoscópio Automático.

Figura 06 - Recorte do jornal *Pacotilha* anunciando a exposição do *Chronophotographo de Demeny*, edição 84, 1898.



Chronophotographo

Maravilhoso invento de Demeny

Photographias animadas

Estrèa—Domingo, 10

Trez secções todas as noites ás 7, 8 e 9 horas, no predio n. 17 a rua do Sol, em frente ao Theatro S. Luiz.

Funcções surprehendentes

Ver para crêr!

Entrada 1$000 por pessoa com direito a cadeira.

A empresa apresentando pela primeira vez este grandioso trabalho deixa de elogiel-o, transcrevendo o que tem jornaes onde tem sido exhibido as *photographias animadas*, por julgar desnecessario a um publico illustrado e hospitaleiro como o sabe ser o publico maranhense.

Tendo de seguir para o norte a empresa, previne as exmas. familias que poucas funções dará nesta capital; e contiando na generosidade do publico em geral a empresa desde já antecipa o seu agradecimento. 1137

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

A presença desses aparelhos marcou as primeiras experiências da população ludovicense com o cinema, despertando a curiosidade e atraindo diferentes públicos para as exibições. Contudo, apesar do impacto social, o caráter ambulante desses projecionistas, de certa forma, limitava a sua continuidade, ou melhor, a popularidade não permitia mais a inconstância das exibições passageiras. Nesse cenário, surgiu a necessidade dos espaços estáveis de exibição, dando origem às primeiras salas fixas da cidade, que transformaram definitivamente a forma de pensar e viver o cinema.

As salas fixas de cinema em São Luís

O período final do ciclo de cinema ambulante, datado por pesquisadores em 1909, foi marcado pelo surgimento da primeira sala fixa de cinema, consolidada pela chegada do *Cynematographo Pathé*, em abril de 1909. A mudança marcou não somente uma simples transição dos exibicionistas amadores para o cinema nas casas e teatros, mas revelou um período de formação de uma indústria cinematográfica na capital, com exibições mais regulares, organizadas, e para diferentes públicos. Era a modernidade, com toda a sua força, adentrando no cotidiano da população.

Uma das inúmeras diferenças entre as projeções ambulantes e as salas fixas, que foram percebidas através da interpretação da programação de exibições presentes nos anúncios dos jornais do início do século, é o conteúdo das exibições. Com os projetores ambulantes, as fitas pareciam mais resumidas, levavam títulos do tipo "Diversão de um menino com um cachorro", "Salto da escola de cavalaria francesa de Saumur", "O banho de Diana, em Milão" e "Os ingleses em Viagem"[3] . Com o avanço e ritmo das exibições e anseio do público, os cinemas passaram a receber filmes do exterior e alguns brasileiros.

As exibições do Cinema Pathé foram transferidas ao Teatro São Luiz, mas só posteriormente, em 31 de dezembro de 1909, é que o cinema alavancou a sua popularidade e ganhou o gosto do público (Silva, 2017), com a exibição das fitas "Viagem ao Sudan", "Idílio Trágico", "Circuito de Dieppe" e "Duelo de Morte". No *Pacotilha,* descreveram o acontecimento na primeira publicação de janeiro de 1910, e disseram: "não há dúvida que a instalação do importante aparelho constitui um acontecimento. As famílias, de agora em diante, terão um ponto de reunião aprazível, onde poderão passar horas de agradável divertimento (*Pacotilha*, 1910).

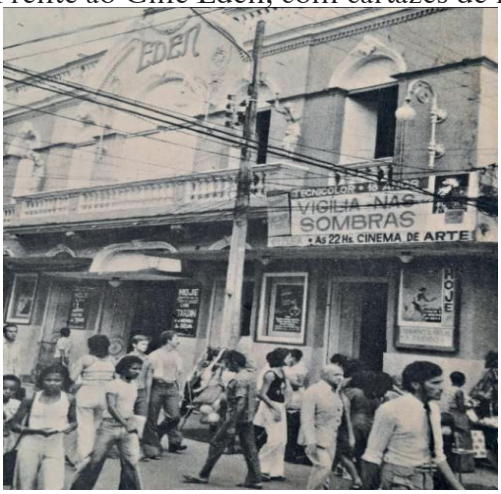
O Cinema Ideal e o Cinema São Luiz foram pioneiros e tiveram papel fundamental na consolidação das salas fixas de exibição em São Luís. O Cinema Ideal, fundado em fevereiro de 1910 por Augusto Botelho de Andrade e Alfredo B. Nogueira, funcionava na Praça João Lisboa, na Rua Oswaldo Cruz. O Cinema São Luiz, por sua vez, encontrava-se em atividade no Café da Paz, também situado na Praça João Lisboa, mas em 1915, sua instalação original foi destruída por um incêndio, o que motivou a transferência do empreendimento para outro edifício.

As salas fixas se popularizaram ao longo dos anos, e os filmes tornaram-se um dos divertimentos mais queridos do século XX. Cinemas famosos surgiram na cidade, em diferentes bairros, mas era comum que estivessem concentrados especialmente na região central, devido o centro comercial, que possuía um constante fluxo de pessoas, e por ser o local no qual a classe média da cidade estava maior localizada.

Nessa região, há registros do Cine Roxy, na Rua do Egito; o Cinema Teatro Éden, na Rua Oswaldo Cruz (Rua Grande), que no final dos anos 80 passou a abrigar a loja de roupas da rede Maísa, entre outros. Abaixo uma fotografia de 1976, da fachada do Cine Éden, que anunciava o filme de terror "Vigília nas Sombras", de 1973.

3 As fitas mencionadas se referem ao Bioscópio Inglês, presente em um anúncio do jornal *Pacotilha*, edição 8671, de 12 de julho de 1902.

Figura 07- Frente ao Cine Éden, com cartazes de filmes, 1976.



Fonte: Foto/Reprodução.

O fim do Cine Éden, em 1984, que deu espaço à loja Marisa, gerou revoltas. O inconformismo pelo fechamento de um dos mais populares cinemas da cidade levou à produção do curta documental "*Mariza Vai ao Cinema*", do diretor Murilo Santos, em 1996, que de maneira crítica aborda o fechamento das salas de cinema.

O declínio das salas de cinema em São Luís pode ser compreendido a partir de diferentes hipóteses. As transformações nos hábitos de lazer, o avanço da televisão a partir da segunda metade do século XX, seguido pela popularização do videocassete e, mais à frente, das plataformas digitais, fizeram com que a frequência do público nas salas se reduzisse. Com isso, muitas das antigas salas de cinema foram desativadas e convertidas em lojas, centros comerciais, empreendimentos públicos e privados, ou foram simplesmente abandonadas.

O Festival Guarnicê de Cinema como forma de resistência para o audiovisual local

O Festival Guarnicê de Cinema, como é atualmente conhecido, surgiu em 1977, inicialmente como Jornada Maranhense de Super 8. Com a sua trajetória histórica, consolidou-se como um dos festivais mais influentes e longevos do país, sendo o quarto mais antigo do Brasil. A criação do festival está diretamente ligada à iniciativa do Cineclube Uirá, fundado em um período delicado de repressão do período militar instaurado na década de 60[4]. A Universidade Estadual do Maranhão, por meio da atuação do padre italiano Mário Cella, buscou incentivar iniciativas artísticas que integrassem a Coordenação de Extensão Artística e Cultural (CEAC), resultando na existência do cineclube (Silva, 2017, p. 49).

Apesar da iniciativa local, em 1983, a Jornada ganhou maior popularidade e alcançou caráter nacional, passando a receber obras de diferentes regiões do país. Três anos depois, em 1986, incorporou o vídeo, reconhecendo a crescente importância dessa linguagem, e passou a se denominar *Jornada Nacional de Cinema e Vídeo*. No ano de 1990, o evento adotou o título *Guarnicê de Cine-Vídeo*[5], decisão que reafirmou sua posição de referência no panorama do cinema e vídeo brasileiros, atraindo mais realizadores e diferentes públicos de todo o país. Quando, em 2002, o Festival completou 25 anos, o nome foi simplificado para *Festival Guarnicê de Cinema*, mantendo a essência do evento e reforçando sua identidade como um dos principais espaços dedicados à sétima arte no Brasil (Andrade, 2024).

4 A prática de cineclubismo, muito comum no Brasil desde a década de 20, passou a ser proibida a partir de 1969 após o estabelecimento do AI-5, por caracterizar reuniões para discussões, assim como outros movimentos de cultura estudantis, que eram utilizadas como forma de conscientização durante o período de repressão militar. A prática retornou de forma não clandestina no início dos anos 70 (Caldas, 2012).

5 A partir daí, em sua 13 jornada, surge a palavra "Guarnicê" no título, em referência ao momento de preparação dos grupos de bumba meu boi, reforçando o caráter cultural e os laços com a cultura popular maranhense (Andrade, 2024).

Atualmente, o Festival Guarnicê de Cinema conta com 48 edições realizadas, adotando os formatos presenciais e online, gratuitos, possibilitando, através disso, a democratização do acesso às produções audiovisuais. Além disso, o Festival realiza premiações e traz convidados de todo o Brasil, no intuito de incentivar a participação de produtores, diretores e do público em geral. Portanto, é possível afirmar a partir de seu percurso histórico e com a observação feita da edição de 2025 do festival, que este vai muito além de um simples espaço de exibição fílmica. Representa, de fato, um instrumento de resistência cultural e política do cinema no estado e a nível nacional, fortalecendo o movimento audiovisual frente aos inúmeros desafios que a arte enfrenta.

Ao incentivar e abrir portas para as produções independentes, desde o Super 8, na década de 70, até atualmente, o festival colabora diretamente com a existência e visibilidade da indústria do cinema e trabalha na promoção do acesso democrático ao cinema, com iniciativas de fácil acesso. Assim, o Guarnicê também exerce a função fundamental de motivar o turismo cultural e a ocupação de cada vez mais espaços públicos, ao ocupar salas de cinema, centros culturais e associações, indo além do ambiente universitário, e mostrando que São Luís é um centro de produção e circulação artística que integra a população à narrativa audiovisual.

CONCLUSÃO

São Luís, capital do Maranhão, desde a sua fundação em 1612, passou por significativos processos históricos. Atrelado a estes acontecimentos e, em consequência de parte deles, houve a expansão de seu território urbano, que inicialmente recebeu o traçado do engenheiro-mor Francisco Frias de Mesquita, ainda no século XVII. Esse feito, com o passar dos séculos, resultou na criação de novas ruas, bairros, casarões, igrejas, praças e teatros que compuseram o cenário da cidade.

O cenário urbanístico de São Luís desenvolveu-se gradualmente e acompanhou as mudanças políticas, sociais e culturais de suas respectivas épocas. O fato é que a grande ilha, apesar de seu passado turbulento, carrega em si significados que se relacionam também com a população comum, com as suas manifestações culturais e religiosas, responsáveis por fazer com que a cidade carregue, atualmente, o título de patrimônio mundial.

Ao tratar de expansão, compreende-se que, junto a ela e ao crescimento populacional, surgiram novos espaços de socialização, impulsionados pela modernidade no século XX. Um dos aspectos abordados nesta pesquisa é a chegada do cinema na cidade de São Luís e o processo inicial de desenvolvimento do audiovisual local, que teve início com o cinema ambulante. Este ciclo foi registrado especialmente pelo jornal local *Pacotilha*, que anunciava a chegada dos aparelhos cinematográficos como a imensa novidade que era.

Após o ciclo, outra fase importante marcou a popularização da sétima arte na capital: os cinemas de rua. Tanto o Cine Roxy, Éden quanto tantos outros, foram responsáveis por trazer para parte da população maranhense o grande entretenimento das exposições fílmicas. Conforme foi mencionado, a modernidade auxiliou a chegada do cinema em São Luís, mas também contribuiu para a sua decadência. Aos poucos, os cinemas de rua foram dando lugar a lojas, prédios administrativos e outros fins, e o cinema atualmente resiste a partir de iniciativas que buscam resgatar a força e a popularidade.

Como maneira de fortalecer e manter viva a tradição audiovisual no Maranhão, iniciativas como o Festival Guarnicê de Cinema mostram-se indispensáveis. Criado originalmente como Festival Maranhense de Super 8, em referência ao movimento superoitista que cresceu na cidade na década de 70, o festival tornou-se um dos mais longevos do país e o mais influente nas regiões norte e nordeste, completando 48 edições em 2025.

Conclui-se afirmando que, por meio dessa e de outras ações, o cinema e o audiovisual local se mantém vivo, também apoiado por investimentos do Governo Federal, leis de incentivo à cultura e iniciativas independentes de cineclubistas e produtores da área.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Josefa M. e S. B. et al. (org.). XLVII Festival Guarnicê de Cinema [recurso eletrônico]: **A história em imagens: catálogo com os cartazes do Festival Guarnicê de Cinema (1977–2024) com audiodescrição**. São Luís: EDUFMA, 2024.

BARBOSA, Francisco Benedito da Costa. Contribuições da Economia Algodoeira e Cafeeira ao Desenvolvimento do Maranhão e de São Paulo. **Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília**, v. 22, n. 3, p. 587-611, set./dez. 2005.

CALDAS, Leide Ana Oliveira. **Maranhão 70: construção da produção cinematográfica de realizadores superoitistas no Maranhão na década de 1970**. São Luís, 2012. Monografia (Especialização) - Curso de História do Maranhão, Universidade Estadual do Maranhão, 2012.

IPHAN. **Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 9, 1945.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 3. ed. São Luís: UEMA, 2008.

LEITE FILHO, Deusdédit Carneiro. Os sistemas urbanísticos de Alcântara e São Luís do Maranhão. *In*: ARAÚJO, Renata; CARITA, Hélder; ROSSA, Walter (Coord.) **Actas do Colóquio Internacional: Universo Urbanístico Português 1415-1822**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001. p. 621-630.

MATOS, Marcos Fábio Belo. **Cinema Ambulante**: **A Experiência de São Luís do Maranhão.** XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Teresina, 2009.

MATOS, Marcos Fábio Belo. **Ecos da Modernidade: Uma análise do discurso sobre o cinema ambulante em São Luís.** Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, São Paulo, 2010.

MATOS, Marcos Fábio Belo. **Jornal Pacotilha: uma voz pela modernidade fin-de-siècle em São Luís.** Outros tempos, vol 18, n. 32, 2021, p. 398-407.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. **A família real no Brasil: política e cotidiano (1808-1821).**
São Bernardo do Campo: EdUFABC, 2015.

SABADIN, Celso. A história do cinema para quem tem pressa. Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

SILVA FILHO, José Oliveira da. **Entre olhares: tempo e intercâmbios culturais nas imagens da Ilha do Maranhão**. Visualidades, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 258-275, 2015.

SILVA, Gabriela Melo. **Traços desejantes da cidade: o apelo pela modernização em São Luís (1889-1970)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) — Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

SILVA, Saulo Simões da. **Produção cinematográfica no estado do Maranhão: o Festival Guarnicê de Cinema como principal janela de exibição e histórico fomentador da cadeia produtiva. 2017**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Artes Visuais) — Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.